

IDEOLOGIA DE GÊNERO

Lucas Peres Ferreira¹
Prof. Ms. João Batista Ferraz Costa²

RESUMO

FERREIRA, Lucas Peres. *Ideologia de Gênero*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2016.

Este trabalho foi realizado para apresentar uma temática ao mesmo tempo antiga e atual, que vem degradando as mentes e destruindo, pouco a pouco, as nossas famílias. Com o objetivo de esclarecimento sobre o assunto e causar o desejo de se tomar uma atitude para nos proteger das ideologias mundanas. Com o auxílio de alguns livros de especialistas que abordam este assunto para suscitar-nos maior crescimento.

Palavras-chave: Gênero, Ideologia, feminismo, teoria, marxismo, sexo, família.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPF – Comissão Nacional da Pastoral Familiar

Gn - Gênesis

Rm – Romanos

DEDICATÓRIA

Ao Santíssimo Redentor, Deus Eterno, Rei e Sumo Sacerdote, JESUS CRISTO, Filho do Pai, nascido da Bem-Aventurada Virgem Maria, nossa Rainha, dedico este meu trabalho de conclusão de Curso.

¹ Aluno concluinte do EAPV Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO.

² Mestre em Filosofia e Professor do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis-GO.

Também não poderia de dedicá-lo a pessoas mais que especiais: meus pais e irmão, ao Reitor do Seminário Maior Diocesano Imaculado Coração de Maria, Padre Edmilson Luiz de Almeida, aos meus irmãos de turma e ao meu querido amigo, Bruno Tavares da Silva, por me ajudar a tornar esse trabalho possível.

INTRODUÇÃO

Há pouco, a ideologia de gênero era um tema completamente desconhecido para nós e despontou em nosso país com a questão da sua implementação nos currículos escolares; o que a trouxe à tona e causou uma série de reflexões e debates, que, graças aos quais, acabou por não ser implantada em nível nacional como era pretendido por seus planejadores.

É verdade que uma deficiência que o brasileiro possui é a falta de tempo e interesse para se dedicar à análise e reflexão a respeito dos assuntos que atingem a sua vida e família. Por isso, a escolha deste tema, que, mesmo não estando em manchete, precisa ser melhor compreendido e aprofundado, visto que permanece atual e se trata de algo que foi planejado e, por isso, torna-se perigoso e tem sido executado de modo eficaz.

A ideologia de gênero é uma corrente de pensamento que almeja se impor-se sobre todos os aspectos da vida pessoal e social. É uma nova antropologia que quer criar um novo ser humano sem identidade, desconstruindo e negando a natureza humana em relação à sexualidade e, com isso, de modo mais fácil poder dominar e manipular a sociedade. Para um melhor entendimento recorreremos a uma visão histórica, não aprofundada, indo às origens desta corrente ideológica percorrendo as principais fontes das quais surgiu e se fundamenta.

A corrente ideológica de gênero que abordamos é, como veremos, enganosa e vem expandindo-se sutilmente, empregando a própria linguagem e certas terminologias que são manipuladas e articuladas para disseminar suas ideias. Assim, é oportuno esclarecer as noções de ideologia e de gênero e como elas estão associadas para atingir o seu fim que é mudar a maneira de pensar das pessoas, seja por meio da escola ou os meios de comunicação social, e para isso desejam destruir a família.

Em contrapartida, o único meio de combater uma mentira como nos propõe o gênero é conhecendo-o; nesse sentido, o nosso objetivo é apresentar em que consiste essa teoria de gênero que desconsidera as diferenças naturais entre homem e mulher e afirma que cada um pode escolher livremente o seu sexo, ou, como dizem, gênero, que é construído socialmente e por fatores culturais; bem como o seu desenvolvimento, finalidade e a sua repercussão na atualidade. Faremos sem esgotar esse complexo tema e sem pretender dar todas respostas a essa difícil problemática.

O nosso desejo é que esta proposição seja um incentivo para aprofundarmos, cada vez mais, nossos conhecimentos a respeito dos perigos que envolvem a educação das nossas crianças e a integridade de nossas famílias descobrindo as várias maneiras que empregam para impor seus enganos. No mundo que vivemos é imprescindível ter informação e reflexão para a defesa dos nossos direitos. Por isso, temos necessidade de abordar esta temática e transformá-la em assunto da vida cotidiana.

1 AS ORIGENS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

Nenhuma ideologia surge espontaneamente e com a ideologia de gênero não foi diferente. Ela se desenvolveu pela associação de inúmeras correntes filosóficas e linhas de pensamento que contribuíram com diversos elementos.

1.1 O MARXISMO

Karl Max, idealizador do marxismo, analisando os problemas do liberalismo da época, fundamenta uma tese de que a origem da desigualdade social está na propriedade privada. O único meio de acabar com a desigualdade social seria acabar com a propriedade privada na chamada ditadura do proletariado (meados de 1850); é a expropriação dos expropriados (PIETTRE, 1963, p. 100). Nesta ditadura, “A propriedade privada dos instrumentos de produção (nela incluída o solo) será

suprimida, sendo entregue às mãos do Estado; será então o Regime do socialismo do Estado ou, mais exatamente, do coletivismo” (PIETTRE, 1963, p. 100).

A ditadura do proletariado de Karl Marx foi o passo inicial para a inserção do comunismo. E este seria a supressão do Estado. “À sociedade sem classe, sucederá uma sociedade sem Estado” (PIETTRE, 1963, p. 103). Para ele, o poder organizado oprime outros grupos e sua principal intenção é fazer desaparecer essa classe dominante.

Nesse sentido, Marx escreve: “Com o comunismo a consciência do indivíduo, no que diz respeito às suas relações recíprocas, será, naturalmente, diversa da de hoje e não será tampouco um princípio de amor ou devotamente quanto o egoísmo” (MARX, apud PIETTRE, 1963, p. 104). Seria uma remodelação da sociedade sem o domínio do Estado. Para ele e Engels, seu amigo, companheiro e colaborador, esse princípio deveria renovar a vida privada: o homem deveria revolucionar o mundo.

Sua ideia comunista acaba por iniciar um ataque às famílias no mundo todo. Nela se encontra “um novo código das relações dos sexos” (PIETTRE, 1963, p. 110). Os pensadores marxistas sentiam intensamente o sofrimento dos humildes, em especial das mulheres que são submetidas aos trabalhos domésticos. Assim, o modo que encontraram para libertá-las da opressão foi a socialização do trabalho, o ingresso delas na indústria pública. Assim, a mulher tornar-se-ia igual ao homem (PIETTRE, 1963, p. 111).

Marx entendia que as mulheres e as crianças eram escravas dos homens. E a revolução industrial acabaria com essa escravidão. Engels dizia que o comunismo privado deu sucessão ao comunismo na família. O comunismo fará da mulher uma cidadã em igualdade aos homens (PIETTRE, 1963, p. 113). E esta visão contribuiu, a seu modo, para formar o pensamento ideológico das feministas.

Nesta perspectiva, da saída das mulheres de casa, seus filhos ficariam aos cuidados da sociedade, o que favoreceria, ainda mais, a má formação da consciência humana desde tenra idade. E uma grande consequência moral é o controle da natalidade, pois, tendo que se preocupar com o trabalho, as mães se restringiriam a poucos ou nenhum filho, favorecendo ainda o aumento de divórcios.

1.2 IDEÓLOGOS DA REVOLUÇÃO SEXUAL

Baseando-se principalmente no marxismo alguns pensadores elaboraram o que se denominou de teoria crítica da sociedade que recriminou tanto a sociedade burguesa quanto o marxismo.

Eles propunham um comunismo aberto para se difundir no Ocidente. Os principais nomes eram Wilhem Reich e Herbert Marcuse, que pretendiam mesclar algumas ideias de Karl Marx, mais especificamente de Engels, com as ideias de Sigmund Freud. Transpondo a luta de classes para a luta dos sexos, onde a mulher seria a classe oprimida e o homem a classe opressora (SCALA, 2015, p. 29-30).

O intuito da revolução sexual seria que a mulher exercesse a “sua genitalidade sem nenhum freio ou limite” (SCALA, 2015, p. 30), consistindo na independência dela em relação ao homem, vivendo uma pseudoliberalidade. Esta foi a primeira corrente do feminismo, onde a mulher iguala-se ao homem.

Marcuse e outros foram os idealizadores do primeiro efeito para a revolução social, o famoso festival *hippies* de *Woodstock*, onde predominou a liberação sexual, o *rock heav mettal* e as drogas. Ele usava frases como: “paz e amor, bicho”! “Não faça guerra, faça amor”! (AQUINO, 2009, p. 30). Tudo isso servia como anestésico para que os jovens pudessem aceitar quebrar as regras morais de ordem natural sexuais, uma vez que tinham uma boa formação recebida dos pais sobre o sexo (AQUINO, 2009, p. 30).

Em outras palavras, Marcuse idealizou, com outros filósofos, que a implantação do marxismo-comunismo no mundo moderno só poderia acontecer com a “destruição da moral cristã”, razão da repressão sexual, não pelas armas, mas pela cultura. Esse é o seu objetivo; por isso a Igreja hoje está sozinha na defesa da moral cristã que moldou o Ocidente (AQUINO, 2009, p. 31).

1.3 EXISTENCIALISTAS ATEUS

Outro grande ramo que contribuiu para o sistema ideológico, que é nosso assunto central, foi o existencialismo ateu. Aqui, a ideologia de gênero marca uma presença conceitual.

“Simone de Beauvoir contribuiu com uma palavra chave: não se nasce mulher, mas você se torna mulher, não se nasce homem, mas você se torna homem” (SCALA, 2015, p. 30). Nestes termos a ideologia de gênero encontra seu fundamento.

Nenhum destino biológico, físico, econômico define a figura da fêmea humana que reveste-se [sic.] no seio da sociedade: é a civilização como um todo que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado que qualificamos de feminino (BONNEWIJN, 2015, p. 67).

De acordo com a referida autora, trata-se de livrar a mulher dessa herança de submissão sendo o resultado de seu próprio projeto, livre e autônoma. O existencialismo ateu é uma tentativa de autodeterminação, um projeto totalmente egoísta que pretende impor às mulheres viverem somente para si, e usam um método de ridicularizá-las frente aos homens.

1.4 FEMINISMO DE GÊNERO

Reunindo todas as ideias e teses antecedentes, no início dos anos 70, nasce nos Estados Unidos o feminismo de gênero (SCALA, 2015, p. 31), também chamado de feminismo radical. Shulamith Firestone, uma das maiores feministas, em sua obra, “A dialética do sexo”, o caracteriza muito bem:

Para organizar a eliminação das classes sexuais é necessário que a classe oprimida se rebele e assuma o controle da função reprodutiva..., pelo que o objetivo final do movimento feminista deve ser diferente do que teve o primeiro movimento feminista; isto é, não apenas a eliminação dos privilégios masculinos, mas da própria diferença entre os sexos; assim, as diferenças genitais entre os seres humanos nunca mais teriam nenhuma importância (FIRESTONE, 1970 apud SCALA, 2015, p. 31).

A supracitada autora, juntamente com alguns seguidores, dá início ao mais radical ramo do feminismo. Agora não se queria mais somente a igualdade entre os sexos, mas se desejava autorrealização da mulher, que se daria com a eliminação da maternidade e total exclusão daquilo que se torna um obstáculo: a religião e a família tradicional. Essa teoria se apresenta como o coração da agenda de gênero, que é a supressão da distinção sexual e o controle da reprodução (O’LEARY, 1997, p. 28).

Alguns pensadores da mesma linha afirmaram que “a raiz da opressão à mulher está em seu papel de mãe e educadora dos filhos” (SCALA, 2015, p. 31). Eles desejavam libertá-las de serem mães e domésticas. Daí a disseminação do aborto e da transferência da responsabilidade de educação dos filhos ao Estado.

Padre José Eduardo, membro do clero da Diocese de Osasco – SP, doutor em Teologia moral e exímio palestrante, sobretudo na temática de Ideologia de Gênero, diz em um vídeo no seu canal do *you tube*, citando Shulamith Firestone, que propõe sugestões de mudanças radicais para a sociedade:

A libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutiva por todos os meios disponíveis e a ampliação da função reprodutiva e educativa a toda a sociedade globalmente considerada (...). Estamos falando de uma mudança radical. Libertar as mulheres de sua biologia significa ameaçar a família, que é a unidade social organizada em torno da reprodução biológica e da sujeição das mulheres ao seu destino biológico (FIRESTONE, 1970 apud EDUARDO, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=s2_pIEtPbsA>).

Para esta feminista, a maternidade é tida como uma tirania, e o que ela pretende impor à sociedade é que este mal deve ser retirado das mulheres. Para tanto, o meio a ser utilizado é destruindo o local onde esta maternidade é exercida: a família.

A total autodeterminação, incluindo a independência econômica, tanto das mulheres quanto das crianças. É por isso que precisamos falar de um socialismo feminista. Com isso, atacamos a família em uma frente dupla, contestando aquilo em torno de que ela está organizada: a reprodução das espécies pelas mulheres, e sua consequência física das mulheres e das crianças. Eliminar estas condições já seria suficiente para destruir a família, que produz a psicologia do poder. Contudo, nós a destruiremos ainda mais (FIRESTONE, 1970 apud EDUARDO, 2016 <https://www.youtube.com/watch?v=s2_pIEtPbsA>).

É perceptível o quanto essa ideologia é perversa. Visando à destruição da família, ela declara guerra a esta instituição, pois se tornou um obstáculo que atrapalha seus planos; ataca-a nos seus fins: a reprodução das espécies e a maternidade.

A total integração das mulheres e das crianças em todos os níveis da sociedade. Todas aquelas instituições que segregam os sexos ou separam as crianças da sociedade adulta, por exemplo, a escola elementar, devem ser destruídas. Abaixo a escola! (...) E, se as distinções culturais entre homens e mulheres e entre adultos e crianças forem destruídas, nós não precisaremos mais da repressão sexual que mantém estas classes diferenciadas, sendo pela primeira vez possível a liberdade sexual “natural”

(FIRESTONE, 1970 apud EDUARDO, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=s2_pIEtPbsA>).

Shulamith Firestone não recusa a escola, mas o modelo de antigamente, onde as meninas eram separadas dos meninos. Essa disseminação é incorreta, pois a própria genética separa os dois sexos, feminino e masculino. As distinções entre os sexos, entre a criança e o adulto é determinada pela cultura, não mais pelos fatores biológicos. Destruindo esta concepção não haveria mais a repressão sexual e as mulheres seriam iguais aos homens.

Pio XI, na sua encíclica *Divini Illius Magistri* é claro ao ser contra a coeducação. Para ele, Homem e Mulher são tipos psicológicos distintos em formação na infância e juventude.

De modo semelhante, errôneo e pernicioso à educação cristã é o chamado método da « co-educação », baseado também para muitos no naturalismo negador do pecado original, e ainda para todos os defensores deste método, sobre uma deplorável confusão de idéias que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora. O Criador ordenou e dispôs a convivência perfeita dos dois sexos somente na unidade do matrimônio e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso não há na própria natureza, que os faz diversos no organismo, nas inclinações e nas aptidões, nenhum argumento donde se deduza que possa ou deva haver promiscuidade, e muito menos igualdade na formação dos dois sexos. Estes, segundo os admiráveis desígnios do Criador, são destinados a completar-se mutuamente na família e na sociedade, precisamente pela sua diversidade, a qual, portanto, deve ser mantida e favorecida na formação educativa, com a necessária distinção e correspondente separação, proporcionada às diversas idades e circunstâncias. Apliquem-se estes princípios no tempo e lugar oportunos, segundo as normas da prudência cristã, em todas as escolas, nomeadamente no período mais delicado e decisivo da formação, qual é o da adolescência; e nos exercícios ginásticos e desportivos, com particular preferência à modéstia cristã na juventude feminina, à qual fica muito mal toda a exibição e publicidade. (Pio XI, 1929, p. 17).

E Firestone continua:

Assim. Chegaremos à liberdade sexual para que todas as mulheres e crianças possam usar a sua sexualidade como quiserem. Não haverá mais nenhuma razão para a sociedade não ser assim. (...) Em nossa nova sociedade a humanidade poderá finalmente voltar à sua sexualidade natural “polimorfamente diversa”. Serão permitidas e satisfeitas todas as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada tornar-se-ia universal. Se a criança escolhesse a relação sexual com os adultos, ainda no caso que escolhesse a sua própria mãe genética, não existiriam razões a priori para que esta rejeitasse suas insinuações sexuais, visto que o tabu do incesto teria perdido a sua função (FIRESTONE, 1970 apud EDUARDO, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=s2_pIEtPbsA>).

Diante da perspectiva, o que era convencional perdeu o sentido. O casamento é uma opção a mais com o mesmo valor do concubinato, das relações ocasionais, a prostituição, a homossexualidade, a pederastia, o bestialismo, etc. O importante é que cada um escolha e faça o que deseja e o que gosta.

Tudo deve concorrer para que as pessoas possam assim satisfazer os seus instintos sexuais ao seu bel prazer. O único limite imposto seria a proibição das relações sem consentimento, o qual pode ser dado por um adolescente validamente a qualquer forma de trato genital. Estes esforços para evitar a gravidez e doenças são chamados direitos sexuais e reprodutivos. Aqui, a saúde sexual e reprodutiva seria usar sem limites da sexualidade conforme os mais diversos desejos, cuidando de não adquirir uma doença (SCALA, 2015, p. 25).

2 NOÇÕES DE IDEOLOGIA E DE GÊNERO

Para melhor compreensão do nosso tema, precisamos antes entender o que seria uma ideologia, para ver o que estão procurando inserir na sociedade; bem como saber sobre a terminologia gênero, porque teríamos que temer essa palavra.

2.1 IDEOLOGIA

O Dicionário Aurélio nos dá a seguinte definição de ideologia: “Conjunto de ideias que têm por base uma teoria política ou econômica. Modo de ver, próprio de um indivíduo ou de uma classe” (FERREIRA, 2010, p. 406).

Olavo de Carvalho, filósofo brasileiro, diz que: “ideologia é um discurso que, partindo de uma falsa visão do presente, atrai os homens para a construção de um futuro que, depois de pronto, é feio demais para que suportem reconhecer nele a obra de suas mãos” (CARVALHO, 2015, p. 408). E complementa: “ideologia é um discurso que não compreende a realidade, mas motiva os homens a substituir uma realidade que compreenderam mal por outra da qual não vão compreender nada” (CARVALHO, 2015, p. 408).

Na verdade, o que os idealizadores fazem é uma perfeita lavagem cerebral, usando todos os meios e argumentos possíveis, nem sempre lógicos, mas que acabam por iludir toda uma sociedade. Buscam “somente a conquista de suas vontades para utilizá-las com um fim espúrio” (SCALA, 2015, p. 22). Eles apresentam um mal como se fosse um bem, “um lobo em pele de cordeiro”. Assim aconteceu com ideologias como o nazismo, fascismo, socialismo, marxismo, comunismo etc.

Um sistema fechado de ideias que se postula como modelo através do qual toda vida humana em sociedade deve ser reestruturada. Esse modelo é concebido independentemente da realidade: não é, de forma alguma, a experiência que deve alimentá-lo ou retificá-lo. Não está condicionado pela realidade que deve ser definida como tal pela ideologia. E uma vez estabelecido o modelo, seu objetivo é o de ser aplicado à vida humana como um molde, no qual tudo está compreendido. É uma antecipação da realidade, um projeto que define o que e como deve ser essa realidade: por isso, não necessita da experiência, mas apenas do poder (SCALA, 2015, p. 43-44).

Os ideólogos introduzem suas doutrinas falsas para as pessoas, oferecem vários argumentos, mas nunca são comprováveis. Portanto, os que caem nessas armadilhas delas não podem sair enquanto não descobrirem por si mesmos que se trata de enganação. É o caso do nazismo com a superioridade da raça ariana. Nenhuma raça é superior à outra, mas Hitler seduziu seu grupo que acreditou realmente ser superior, o que trouxe consequências desastrosas para a humanidade.

O Dicionário de Filosofia diz que este termo foi criado por Destut de Tracy (*Ideologie*, 1801) e quer designar “a análise das sensações e das ideias” (ABBAGNANO, 2000, p. 531). Porém, este termo não é empregado para indicar qualquer espécie de análise filosófica, mas uma doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam. (ABBAGNANO, 2000, p. 532)

Vilfredo Pareto em sua obra *Trattato di sociologia* (1916), embora não utilize o termo Ideologia, estuda pela primeira vez com o sentido de conjunto de crenças, que se é utilizado até hoje. (ABBAGNANO, 2000)

Em Pareto, a noção de Ideologia corresponde a noção de teoria não-científica, entendendo-se por esta última qualquer teoria que não seja lógico-experimental. [...] Ciência e ideologia pertencem, assim, a dois campos separados, que nada têm em comum: a primeira ao campo da observação e do raciocínio; a segunda ao campo do sentimento e da fé. (ABBAGNANO, 2000, p. 532)

2.1.1 Modo de Difusão das Ideologias

O ideólogo é o mais perfeito enganador, um manipulador. Ele, com suas pretensões, ilude as pessoas para aceitarem suas ideias errôneas. “Manipular é manobrar as pessoas como se fossem coisas, isto é, ter sobre elas um domínio, uma posse, um uso e proveito exatamente como se tem frente às coisas” (SCALA, 2015, p. 45).

Para convencer utilizam-se ferramentas como a linguagem e a imagem. “O manipulador jamais matiza os conceitos, facilitando, assim, a confusão. O ideólogo jamais prova o que afirma: simplesmente o dá por certo” (SCALA, 2015, p. 45). O que precisa ter é uma boa retórica que convença os que o escutam.

“Para enganar, o manipulador utiliza palavras *talismã*, isto é, vocábulos que legitimam, automaticamente, todos os outros termos que são colocados diante dele” (SCALA, 2015, p. 45). São palavras que, normalmente são usadas num correto sentido, mas que os ideólogos utilizam para iludir as pessoas a respeito de seus pensamentos. Por exemplo, o termo “liberdade”, no seu sentido real é a faculdade de cada um decidir segundo sua própria decisão. Entretanto, utilizaram essa palavra para o termo “liberdade de escolha” dos que defendem o aborto. Entretanto, neste mesmo caso, o que se escolhe é matar o próprio filho que não tem liberdade de escolher entre viver ou morrer, mas a sua mãe que escolhe matá-lo sem perguntar sua opinião a respeito (SCALA, 2015, p. 46).

A Ideologia de gênero utiliza várias palavras ‘*talismã*’, expressões sutilmente utilizadas para manipular a linguagem. A principal e que a denomina é o vocábulo gênero. Além disso, estão complexamente articulados outros termos que servem de complemento para a argumentação ideológica, como: opção sexual, igualdade sexual, direitos sexuais e reprodutivos, saúde sexual e reprodutiva, igualdade e desigualdade de gênero, “empoderamento” da mulher, “patriarcado”, “sexismo”, cidadania, “direito ao aborto”, gravidez não desejada, “tipos” de família, “androcentrismo”, “casamento homossexual”, sexualidade polimórfica, “parentalidade”, “heterossexualidade obrigatória” e “homofobia” (SCALA, 2015, p. 23).

Tais terminologias que se relacionam com a ideologia de gênero têm a finalidade exclusiva de mascarar a realidade e assegurar a confusão na mente das pessoas. A partir disso constatamos como os termos foram modelados propositalmente para que não fossem entendidos de início.

Outra técnica é o uso dos “esquemas mentais”. São utilizados dualismos em que, para o inconsciente coletivo, um dos pólos é o bom e outro é o mau. Um exemplo dado é o rico e o pobre; numa sociedade burguesa o rico é tido como o bom e o pobre como o mau (SCALA, 2015, p. 46). “Com estes dualismos habilmente escolhidos, propagam-se certos slogans” (SCALA, 2015, p. 46), que fogem da realidade e causam ainda mais confusão.

Os ideólogos de gênero recorrem com frequência à técnica dos esquemas mentais. Com isso conseguem estigmatizar quem pensa diferente. Entre outros, encontra-se o uso dos dualismos discriminador/não discriminador sexual, sexista/não sexista etc (SCALA, 2015, p. 46-47).

E para seu método ser ainda mais eficaz, utilizam imagens junto aos esquemas mentais. Podemos exemplificar com um caso acontecido nos Estados Unidos, onde foram colocados cartazes apresentando duas realidades: a primeira, um casal africano com muitos filhos, mal vestidos e desnutridos, em frente um casebre velho; a segunda, um casal americano com dois filhos robustos, em frente a uma grande casa com automóvel na garagem. No cartaz a frase: ‘uma família pequena é uma família feliz’ (SCALA, 2015, p. 47).

Os adeptos dessa ideologia pretendem colocar na mente das pessoas que a felicidade de suas famílias depende da quantidade de filhos. Utilizam as palavras chave “família” e “feliz”, pois em si são boas, juntamente com as fotografias das duas realidades, para espalharem seu mal projeto.

Utilizam os conceitos e as imagens para reforçar o esquema mental envolvendo os sentimentos. Assim, manipula-se a inteligência e os afetos para conseguir a mudança de conduta da sociedade conforme sua vontade. Por isso, a mensagem deve ser repetida com certa frequência, ainda que com outro formato, para não criar costume ou rejeição e para que a mensagem seja aos poucos lançada. Podemos ilustrar ainda essa realidade, citando as novelas de uma determinada emissora de televisão; a cada ano uma novela diferente, mas que sempre apresenta um casal homossexual que luta contra homofobia e vive um

romance. Sempre os apresentam como oprimidos e sempre são os “mocinhos” da narração. Fazendo a sociedade acostumar-se com a homossexualidade.

“Uma radicalização na manipulação da linguagem é o uso de técnicas de lavagem cerebral em nível massivo” (SCALA, 2015, p. 48). Eles utilizam as mídias de massa como a televisão, cinema, revistas; bem como as escolas para crianças.

Essa concepção ideológica expande-se de maneira envolvente, empregando os meios da propaganda e o sistema educacional. Manipulando a linguagem por meio da inversão do sentido comum das palavras. Outra forma perspicaz é a formação da opinião pública seja na escola ou nos meios de comunicação social, disseminando e inculcando termos conhecidos que passam a ser aceitos e entendidos com novo conteúdo. (SCALA, 2015, p. 23)

2.2 GÊNERO

Habitualmente, quando se fala de gênero, referimo-nos tanto ao gênero masculino quanto ao gênero feminino. Como existe o sexo masculino e o sexo feminino. Porém, em muitas organizações fala-se de uma noção de gênero, da qual se evita dar uma clara definição, “gênero não tem definição, e não necessita de tê-la” (O’LEARY, 1997, p. 22).

A palavra sexo foi substituída pela palavra gênero, sem ter relação alguma com a sexualidade. O que antes era discriminação de sexo agora é discriminação de gênero. O sexo passa a ter um significado secundário, restringido a relação sexual ou atividade sexual. A mudança no significado das palavras é uma estratégia eficaz dos militantes desta ideologia para venderem as suas ideias radicais por meio de uma roupagem delicada e refinada atingindo seus objetivos sem causar conflitos nem combates diretos (O’LEARY, 1997, p. 1).

Inicialmente, as palavras sexo e gênero aparecem como se fossem sinônimos; com o passar do tempo a utilização delas recebe silenciosamente um novo significado: o de sexo construído socialmente que se contrapõem ao sexo biológico (SCALA, 2015, p. 24). O termo gênero pode ser considerado inofensivo, entretanto, esconde toda uma ideologia (AQUINO, 2009, p. 35). “Pretende-se

sustentar que existe um sexo biológico, com o qual nascemos e, portanto, é definitivo; mas ao mesmo tempo, toda pessoa poderia construir livremente seu sexo psicológico ou gênero” (SCALA, 2015, p. 24).

Estes ideólogos de gênero afirmam que sexo é apenas a informação biológica recebida de nossos pais, que determina os órgãos masculinos e femininos; pertence apenas a uma ordem material, o importante é o gênero que determina a sua psique, o estilo de vida que escolher, seja ela qual for, conforme a cultura em que vive.

O “sexo” designa a realidade biológica do ser humano - menino ou menina - , enquanto o “gênero” designa a dimensão social do sexo, ou seja, o comportamento social de um homem ou de uma mulher segundo o seu sexo biológico.

Na teoria do gênero o termo “gênero” designa a masculinidade ou a feminilidade construída pelo ambiente social e cultural (idioma, educação, modelos propostos etc.). O gênero não dependeria do sexo biológico: seria subjetivo, dependeria da percepção que cada indivíduo tem de si mesmo e da sexualidade que ele escolher viver (CNPf, 2013, p. 72).

Gênero, na língua portuguesa, é a classificação dos nomes em masculino e feminino. Por exemplo: livro, gênero masculino. Assim como existem palavras que se usam igualmente para o masculino e o feminino, por exemplo: presidente. As palavras têm gênero e não sexo, enquanto os seres vivos têm sexo e não gênero.

3 A TEORIA DE GÊNERO

Percorrendo os antecedentes históricos, como por exemplo, os Andrógenos que eram seres com quatro pernas e quatro braços que se ligavam por meio da coluna vertebral terminado em duas cabeças, além de possuir os órgãos genitais femininos e masculinos. (SANTOS, 2005 <<http://osdeusesehomem.blogspot.com.br/2011/03/mito-do-androgino-e-almas-gemeas.html>>).

E percorrendo princípios que fundamentam a ideologia de gênero, bem como as definições das palavras-chave deste tema, aprofundaremos as ideias dessa maléfica teoria que está sutilmente presente na humanidade e visa destruir as famílias e desconstruir a sociedade.

A teoria de gênero é uma hipótese segundo a qual a identidade sexual do ser humano depende do ambiente sociocultural e não do sexo – menino ou menina – que caracteriza cada ser humano desde o instante da concepção. Em outras palavras, o nosso sexo biológico não seria mais determinante do que o fato de ser alto ou baixo, louro ou moreno; a nossa identidade feminina ou masculina teria muito pouco a ver com a realidade do nosso corpo, e de fato nos seria imposta pela sociedade. Sem outra escolha, desde a mais tenra infância cada pessoa interiorizaria o papel que supostamente deve desempenhar na sociedade na condição de mulher ou homem (CNPf, 2013, p. 68).

Segundo esta ideologia, as diferenças entre os homens e as mulheres não são naturais, mas foram construídas, e podem e devem ser modificadas. O indivíduo é livre para construir o próprio gênero e para isso tem uma autonomia absoluta, fundamentada no subjetivismo no qual cada um interpreta o que é ser homem ou ser mulher e pode escolher se quer ser homem ou mulher e mudar de decisão quantas vezes quiser. Isso seria opção sexual.

3.1 A DIFERENÇA ANTROPOLÓGICA

O que está em jogo na ideologia de gênero é a identidade e a dignidade da pessoa humana. Dizer que elas podem escolher ser homem ou mulher, independentemente do sexo, é contrapor o desígnio divino. No princípio Deus não disse “façamos um ser que possa escolher seu gênero”, mas concretamente: “façamos o homem a nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), e Ele criou homem e mulher (Gn 1,27). Mas as pessoas, influenciadas por essas ideias, negam a natureza humana tal qual criada por Deus, e tentam “desessencializar” a ideia de homem e mulher, ao afirmar que não existe o homem “natural” ou a mulher “natural”, agindo, assim, contra sua natureza e a própria constituição orgânica.

E podemos ir mais além, como Jorge Scala apresenta em seu livro a pesquisa de Alexis Carrel, francês que ganhou o prêmio Nobel em 1912 de Medicina por trabalhos sobre sutura vascular e transplante de vasos sanguíneos e órgãos e que fez-se monge no fim da vida:

As diferenças que existem entre o homem e a mulher não provêm da forma particular de seus órgãos, da presença do útero, da gestação ou do modo de educação. São de natureza mais fundamental, determinada pela própria estrutura dos tecidos e pela impregnação de substâncias químicas específicas de todo o organismo... na realidade, a mulher difere

profundamente o homem. Cada uma das células de seu corpo traz a marca do seu sexo. A mesma coisa acontece com seus órgãos e, sobretudo, com seu sistema nervoso. As leis fisiológicas são tão inexoráveis como as leis do mundo sideral. Não podem ser substituídas por desejos humanos. Estamos obrigados a aceitá-las como são (CARREL, apud SCALA, 2015, p. 62).

Ora, é inegável que homem e mulher são absolutamente diferentes entre si e “quem sustentar que tais diferenças biológicas não têm repercussão psíquica está obrigado a prová-lo; do contrário não é mais do que uma infundada e irrelevante opinião subjetiva” (SCALA, 2015, p. 65). Ao isolar e separar a identidade de gênero da identidade biológica, como se o corpo fosse algo que se deixasse separar do EU e da alma da pessoa, a ideologia entra em contradição com os conhecimentos que temos da biologia, sendo assim considerada, em si mesma, ilógica.

3.2 GÊNERO, SEXO CONSTRUÍDO SOCIALMENTE

As feministas de gênero sustentam que “o sexo é o corpo, ou seja, o aspecto biológico dos seres humanos, algo completamente secundário. O importante é o gênero, que seria a ‘construção social ou cultural’ da própria sexualidade” (SCALA, 2015, p. 65), o essencial é o que você quer ser.

Nessa teoria, “o nosso gênero deveria ser alicerçado na nossa orientação sexual, a [sic.] qual somos livres para aceitar” (CNPf, 2013, p. 68). O fato de nascer homem é subjetivo, pois você pode escolher qualquer um dos cinco gêneros (e não mais dois sexos): heterossexual masculino, heterossexual feminino, homossexual masculino, homossexual feminino e bissexual (AQUINO, 2009, p. 35).

“Nessa construção autônoma do gênero, o único condicionamento externo seria o cultural, ou seja, as normas expectativas sociais sobre o papel, atributos e condutas atribuíveis a cada gênero” (SCALA, 2015, p. 67). Dessa forma, é pretendido reestruturar a cultura, já que esta é a barreira que impede a expansão da ideologia. “Por isso, a percepção cultural dominante do gênero poderia ser transformada através de execução de políticas de ‘reengenharia social’” (SCALA, 2015, p. 67).

A Conferência Episcopal Peruana elaborou um documento: *La ideología de género: sus peligros y sus alcances*, publicado em abril de 1998, fazendo sua

síntese. Pe. Luiz Carlos Lodi apresenta um exemplo desta reestruturação da sociedade:

Não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e certas normas diferentes. Assim, se desde pequena a mulher brinca de boneca e casinha, isso não se deve a um instinto materno (que para as feministas de gênero não existe), mas simplesmente a uma convenção social. Se as mulheres casam-se com homens, e não com outras mulheres, isso não se deve a uma lei da natureza, mas uma construção da sociedade. Se os homens sentem-se na obrigação de trabalhar fora de casa para sustentar a família, enquanto as mulheres sentem necessidade de ficar junto aos filhos, nada disso é natural. São meros papéis, desempenhados por tradição, mas que poderiam perfeitamente ser trocados (LODI, 2007, <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>).

Tais ideias, que são construções sociais dos ideólogos, servem para justificar o domínio da mulher pelo homem. Assim, a mulher, inocentemente, acredita que seu lugar mais importante é o lar, a cozinha, que nasceu para ser mãe, que deve se sacrificar pelos filhos e que deve ser fiel ao marido... Tais construções sociais, segundo as feministas, não têm fundamento. Assim, é preciso desconstruir tais ideias, conscientizando a mulher de que ela está sendo enganada e explorada (LODI, 2007, <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>).

E, estando liberta dessas construções sociais, ela vê-se livre para construir a si mesma, seu próprio estilo de vida, podendo livremente optar por ser lésbica, por não ser mãe ou por matar o filho concebido. A partir daí tudo passa a ser permitido (LODI, 2007, <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>).

O objetivo do feminismo radical é alcançar uma mudança cultural e mudar o conceito de pessoa de tal maneira que a mulher pode competir com o homem na conquista do poder político (SCALA, 2015, p. 67). Por este motivo pregam a igualdade de gêneros.

Afirmam que “cada ser humano teria autonomia absoluta para ‘construir’ seu próprio gênero” (SCALA, 2015, p. 67). E essa construção do gênero seria o marco inicial para a construção de todos os âmbitos da sociedade. “A lógica do gênero não apenas seria apta para modificar a sociedade, mas seria, além disso, a ferramenta para a construção do novo ser humano” (SCALA, 2015, p. 69). Cada um poderia escolher seu gênero, e até mudar sua escolha, pois “essa opção é um elemento para renovar a história cultural” (SCALA, 2015, p. 69).

A ideologia de “gênero” prega, em matéria sexual, a “liberdade” e a “igualdade”. A “liberdade”, porém, é entendida como o direito de praticar os atos mais abomináveis. E a “igualdade” é vista como a massificação do ser humano, de modo a nivelar todas as diferenças naturais que existem entre o homem e a mulher (LODI, 2014, <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>).

A liberação total da sexualidade é onde querem chegar, até mesmo o conceito heterossexual ou homossexual serão abandonados, a definição de homem e mulher desaparecerá. A perversão sexual é a finalidade. Desde que haja consentimento, poder-se-ia ter relações com qualquer pessoa ou até animal, é o que chamam de “sexualidade polimorficamente perversa” (SCALA, 2015, p. 70).

Diante desta perspectiva de livres escolhas a questão não é aceitar as pessoas que se decidem por mudar de sexo, e nem adaptar o mundo para que vivam felizes. A situação é muito mais complexa:

Trata-se de mudar o mundo para libertar as mulheres. Para isso é necessário eliminar a natureza. E isso se consegue eliminando o casamento e a família tradicional. Isso se consegue fazendo lésbicas homossexuais e bissexuais desde o berço. O sexo é unicamente para o prazer. As relações sexuais devem ser polimorfas e livres. O aborto, livre também. Tudo vale neste novo mundo do gênero... (MAGDALENA, apud SCALA, 2015, p. 72)

3.3 A IDEOLOGIA DE GÊNERO HOJE

Esta é a perspectiva de gênero que enxerga tudo como uma batalha de poder entre homens e mulheres. Onde cada problema é analisado em vista das diferenças entre homens e mulheres. E, segundo Dale O’Leary, “pretendem implementá-la em todos os programas, em todos os níveis e em todos os países” (SCALA, 2015, p. 28).

Como é o caso da Argentina, onde as mulheres ocupam um terço das candidaturas a deputados e metade dos postulantes a senadores. Destas, a maioria é militante do feminismo de gênero, o que fez aprovar várias medidas feministas, dentre elas a “agenda de gênero” em 2008 (SCALA, 2015, p. 171).

Pode-se dizer que a incorporação desta corrente ideológica como corpo de ideias do sistema das Nações Unidas está em gestação. Entretanto, em vários congressos aprovam-se documentos com assuntos tendenciosos; por exemplo: as

opções institucionais para o fortalecimento dos arranjos destinados a apoiar a igualdade entre os gêneros e o empoderamento da mulher; ou criar uma agência especial para assuntos vinculados ao gênero. Percebe-se que o objetivo das Nações Unidas é claro: a ideologia de gênero deve dar a coerência necessária a todo o sistema da ONU (SCALA, 2015, p. 185-187).

Estando enraizada na ONU, os ideólogos procurarão difundir num ritmo frenético suas ideias pelos países impondo a agenda de gênero. E fazem isso atingindo as crianças nas escolas. Com cursos sobre gênero para professores e vários outros projetos sem que os pais soubessem do que se tratava. Entretanto, no Brasil aconteceu diferente.

Os planejadores de tal implementação, porém, não contavam com um fato notável ocorrido em terras brasileiras: os pais, a família, enfim, homens e mulheres que formam o tecido da sociedade brasileira disseram um sonoro “NÃO” às intenções dos burocratas e funcionários – diretos e indiretos, conscientes ou inconscientes – das grandes fundações internacionais. Este ato, incrivelmente, não foi incentivado pela imprensa, nem por um partido político, tampouco por uma única figura de projeção nacional. Foram pais anônimos, pessoas que muitas vezes nunca tinham tido tempo e interesse para se dedicar à análise e reflexão a respeito da escola na formação de seus filhos, que, uma vez avisados a respeito da mentira das premissas da ideologia de gênero, se colocaram contra tal agenda (REDE DE DEFESA DA FAMÍLIA, 2016, <<http://www.rededefesadafamilia.com.br/e-o-brasil-disse-nao-a-ideologia-de-genero>>).

A ideologia de gênero é contrária ao plano de Deus! Eliminar as diferenças entre os sexos é um passo para trás na sociedade. A defesa da família tem a ver com o próprio homem, e não com o Estado. E fica claro que, quando se nega a Deus, e a origem do homem, a dignidade humana também desaparece (FRANCISCO, 2015, <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2015/06/10/o-perigo-da-ideologia-de-genero/>>).

Onde a liberdade do fazer se torna liberdade de fazer-se por si mesmo, chega-se necessariamente a negar o próprio Criador; e, conseqüentemente, o próprio homem como criatura de Deus, como imagem de Deus, é degradado na essência do seu ser. Na luta pela família, está em jogo o próprio homem. E torna-se evidente que, onde Deus é negado, dissolve-se também a dignidade do homem. Quem defende Deus, defende o homem (BENTO XVI, 2012, <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguri-curia.html>).

CONCLUSÃO

“E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável” (Rm 12,2).

Existem pessoas que querem nos convencer de que não somos ninguém, que não possuímos identidade verdadeiramente como um dom. De que tudo o que conhecemos até hoje sobre humanidade, sociedade e família é uma ilusão. E o fazem a partir de ideias que vão disseminando mansamente na cultura social para que assimilamos seus planos.

Como observamos nestas páginas, a ideologia de gênero é a atual ideologia do mal, que se propôs à destruição do homem e da família, não os massacrando e matando, mas tentando substituí-los, torná-los inferiores às mulheres, desnecessários. E eles não trabalham à vista de todos, mas sempre às escondidas; por isso é mais insidiosa e obscura.

É preciso que façamos a nossa parte, para derrotar esta ideologia. Assim como as outras, esta também sucumbirá. Não se sabe quando, mas depende unicamente de nós. Governos, povos, pais, educadores, jovens do mundo inteiro, nós todos temos uma decisão a tomar: de um lado, está a conformidade com o espírito da nova cultura mundial e o de seguir, seja passivamente, seja de maneira plenamente consentida, as novas normas laicistas do gênero; de outro, a identificação filial com nossa vocação ao amor e à felicidade, dados por Deus.

Precisamos defender nossas famílias, conhecer o material didático de nossos filhos, termos coragem de defender nossa fé e nossos princípios, tornar o gênero um assunto conhecido, para que reconheçamos facilmente o que vem alimentado por este sistema de ideias. Deve-se colocar em questão a mais insidiosa e oculta ideologia, que tenta instrumentalizar até os direitos humanos contra a pessoa humana e a família.

ABSTRACT

This work was realized to show a thematic, old and current, to be degrading the minds and are destroying, little by little, the families. With the objective of to clarify about this subject and to cause the want to do something for protect themselves from the harmful ideologies. With the auxily of some speciallists' books that deal with subject to arouse a bigger growth.

Key-words: Gender, ideology, feminism, teory, marxism, sex, familiy.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Jesus sinal de contradição**. Lorena: Cléofas, 2009.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios**, 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguri-curia.html>. Acesso em: 14 ago. 2016, 15:00:30.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BONNEWIJN, Olivier. **Gender, Quem és tu?: Sobre a Ideologia de Gênero**. Lorena: Campinas, 2015.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR. **Keys to Bioethics**. Brasília: Fundation Jérônimo Lejeune, 2013.

EDUARDO, José. **A Origem da Ideologia de Gênero**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2_pIEtPbsA>. Acesso em: 01 ago. 2016, 13:01:15.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANCISCO. **Ideologia de Gênero**, 2015. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2015/06/10/o-perigo-da-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 14 ago. 2016, 14:12:20.

LODI, Luiz Carlos. **Gênero: que é isso?** 2007. Disponível em: <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>. Acesso em: 01 ago. 2016, 13:16:38.

O perigo do “Gênero” em educação. 2014. Disponível em: <<http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos>>. Acesso em: 01 ago. 2016, 13:20:10.

O’LEARY, Dale. **A Agenda de Gênero: Redefinindo a Igualdade**. Folheto explicativo, 1997.

PIETTRE, André. **Marxismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1963.

Pio XI. Carta Encíclica *Divini Illius Magistri*, 1929. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_3112_1929_divini-illius-magistri.html>. Acesso em: 29 Nov. 2016, 15:11:10.

REDE DE DEFESA DA FAMÍLIA. **E o Brasil disse não à Ideologia de Gênero**, 2016. Disponível em: <<http://www.rededefesadafamilia.com.br/e-o-brasil-disse-nao-a-ideologia-de-genero>>. Acesso em: 01 ago. 2016, 12:58:40.

SANTOS, Aline. **O Mito do Andrógeno e das almas gêmeas**. 2005. Disponível em: <<http://osdeusesehomem.blogspot.com.br/2011/03/mito-do-androgino-e-almas-gemeas.html>>. Acesso em: 29 nov. 2016, 15:41:30

SCALA, Jorge. **Ideologia de Gênero: O neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Katechesis, 2015.